

# As Aventuras de Um Poeta Morto



*por Cristina Sécio*

# AS AVENTURAS DE UM POETA MORTO

*de Cristina Sécio*

Ilustrações  
Beatriz Brito

# Sinopse

## As Aventuras de um Poeta Morto

Numa aldeia esquecida do sul de Portugal, sob o peso sufocante da ditadura salazarista, nasce uma voz que se recusa a calar. Os cadernos descobertos décadas depois contam a história de um menino que cresceu entre a dureza dos campos e a violência de um pai consumido pelo álcool, encontrando refúgio apenas no amor silencioso de uma mãe de coração bondoso e alma martirizada.

Naquele Portugal sombrio, onde sonhar era quase um acto de rebeldia, uma professora vislumbra algo extraordinário no olhar inquieto do rapaz. É ela quem acende a primeira chama, incentivando-o a perseguir os seus próprios sonhos, a transformar em palavras a dor e a beleza que o rodeiam, a acreditar que é possível vencer na vida mesmo quando tudo conspira contra isso.

Entre as páginas amareladas, emerge também a história de um primeiro amor — aquela paixão de infância que marca para sempre, pura e impossível, que atravessa os anos como um fio dourado tecido na memória.

Da aldeia algarvia a Lisboa, dos campos áridos à efervescência cultural da cidade, os cadernos traçam a evolução de um homem que transformou adversidade em poesia, silêncio em canto, sobrevivência em arte. Uma jornada de superação em que cada verso escrito é uma vitória contra o destino que lhe fora imposto.

As Aventuras de um Poeta Morto é um testemunho comovente sobre a força transformadora da educação, o poder redentor da

literatura e a capacidade humana de criar beleza mesmo nos contextos mais inóspitos.



# I

Júlio de Freitas veio ao mundo numa humilde aldeia no sul da Europa, no ano de 1948. Desde tenra idade, alternava entre os estudos na escola e o pastoreio de ovelhas. Habitava uma modesta casa branca, inserido numa numerosa família. Sendo o primogénito de oito irmãos, tinha o dever de colaborar nas despesas familiares.

O pai, o senhor António, era um homem que há muito perdera o controlo da vida e se entregara ao vício da bebida. Não era uma pessoa má, mas o excesso de álcool tornava-o azedo, sobretudo em relação a Júlio. Às cinco da manhã, ainda sob os efeitos da ressaca do dia anterior, já intimidava o rapaz.

— Acorda, preguiçoso, o sol já está a nascer!

A mãe, dona Maria, era uma bela mulher de cabelos negros e lisos, que sempre defendia o filho.

— Tu sabes que ele se levanta todos os dias às quatro da manhã, e agora já são cinco!

O homem exclamou:

— E por que razão ainda está na cama a esta hora?!

A mãe interveio:

— Ele acorda mais cedo, descansa um pouco e depois continua com as tarefas.

O homem respondeu enquanto se afastava:

— Ah, percebi!

Assim que Antônio se distanciava, a mãe dirigia-se carinhosamente a Júlio:

— Querido, vem comer qualquer coisa e depois trata logo das ovelhas!

Júlio estava cansado de seguir ordens e frustrado com toda a situação, mas, no fundo, compreendia a posição da mãe e acabava sempre por ceder. Bebia um gole de leite, apanhava um bocado de pão do dia anterior e seguia com as ovelhas. Era um rapaz magro, vestido com calças xadrez vermelhas e pretas, suspensórios e uma boina preta, com os pés calçados em chinelas gastas. Levava a tiracolo uma bolsa de pano feita pela mãe, contendo um lápis e um caderno.

Júlio tinha uma paixão por escrever poemas que exploravam a natureza e a essência humana. Autodidata, sonhava com uma vida estável, com casa própria e emprego certo. Embora amasse a sua pequena aldeia natal, sempre nutriu curiosidade por novos lugares.

A aldeia, que crescera ao longo das margens de um pequeno rio, era composta por não mais do que meia dúzia de casas naquela época. A igreja, construída em estilo manuelino, destacava-se como o único edifício imponente em meio à simplicidade circundante. Os campos, outrora cultivados com vinhas, cercavam as casas, emoldurando a paisagem.

Júlio precisava de percorrer uma longa distância todos os dias por uma estrada de terra batida até chegar às pastagens. Ao chegar lá, sentava-se sob uma oliveira centenária, herança dos avós, e deixava a criatividade fluir. A sua maior fonte de inspiração era o poeta popular

António Aleixo.

Ele não era do tempo da internet, mas sempre que possível procurava conhecimento junto da professora Alice, que partilhava com ele as quadras do poeta. Ali, na ausência do pai, sentia-se mais à vontade para ler em voz alta.

Sou humilde, sou modesto;  
mas, entre gente ilustrada,  
talvez me digam que não presto,  
porque não presto pra nada.

Forçam-me mesmo velhote,  
de vez em quando a beijar  
a mão que brande o chicote  
que tanto me faz penar.

Por de Deus ter recebido  
tantas provas de bondade,  
já lhe tenho até pedido  
a morte por caridade.

Porque o mundo me empurrou,  
caí na lama, e então  
tomei-lhe a cor mas não sou

a lama que muitos são.

Eu não tenho vistas largas,  
nem grande sabedoria,  
mas dão-me as horas amargas  
lições de filosofia.

*António Aleixo, (Este livro que vos deixo)*

Após a leitura, Júlio passava a língua nos lábios, segurava o lápis com firmeza, como se estivesse a agarrar o próprio destino, e só interrompia a escrita na hora de ir para a escola. Lá, aproveitava para mostrar as suas rimas afiadas à professora e fazer pequenos ajustes. A professora dizia sempre:

— Tens um futuro brilhante pela frente, meu rapaz!

Mas ele sabia que, devido à sua situação económica e familiar, as oportunidades seriam limitadas.







## II

Após quatro anos, concluiu o ensino básico com distinção. Todavia, com a morte prematura do pai, assumiu a responsabilidade pela família. Como o simples pastoreio não era suficiente para os sustentar, partiu para Lisboa, onde trabalhou como engraxador nas ruas, enviando algum dinheiro para casa.

Os primeiros anos na cidade foram desafiadores, mas, já adulto, acabou por encontrar trabalho numa oficina e loja de calçado no final dos anos 60. Naquela época, a indústria de calçado em Portugal era predominantemente tradicional.

Júlio era inteligente e, em pouco tempo, dominou a arte de fabricar sapatos de couro feitos à mão. Foi graças ao talento de homens como ele que a loja acabou por se tornar famosa. Dividia o seu tempo entre o fabrico de sapatos e o atendimento ao cliente. Certo dia, enquanto atendia, a sua antiga professora apareceu. Os dois não conseguiram conter a emoção. Para surpresa de todos, choraram e abraçaram-se.

— Olha só como estás! Eu sabia que irias longe!

Ele respondeu, emocionado:

— Tenho enfrentado muitos desafios, mas agora, felizmente, a minha vida melhorou!

A professora Alice era uma mulher bondosa e não escondeu um

certo sentimento de culpa.

— Infelizmente perdemos o contacto, mas pensei muito em ajudar-te. Cheguei mesmo a ir a tua casa, mas devido a algumas denúncias do partido no poder, precisei de me afastar. Como sabes, muitos partidários de Salazar consideravam o poeta António Aleixo uma ameaça ao regime. Temi pela tua vida e também pela minha. Sinto muito!

Júlio, sensível como sempre, deixou uma lágrima escorrer pelo rosto e demonstrou compreensão.

— Compreendo. Não precisa de se preocupar mais! Agora está tudo bem!

Os dois passaram a encontrar-se com frequência para trocar ideias e discutir novos projectos. Mas como tudo o que é bom acaba depressa, infelizmente para Júlio, a professora Alice faleceu subitamente. Foi uma perda irreparável para ele, sobretudo agora que se tinham reencontrado.

Quando o pai morrera, sentira, de certa forma, um alívio; mas agora era diferente — uma parte dele estava em falta. Após esse acontecimento, Júlio estava determinado a mudar de vida. A professora Alice incentivara-o sempre a não desistir dos seus sonhos. E, afinal, que mal havia em acreditar nisso?

Ela nunca se casara e deixou todos os seus bens em testamento a Júlio. Não era uma mulher rica, mas, pelo menos, ele herdou uma casa própria e algumas poupanças modestas.

Decidido a prosseguir os estudos, Júlio tornou-se professor com muito esforço e mérito. Sentia um grande orgulho nessa nobre profissão, que tanto contribui para os outros, mas ainda assim não estava disposto a abandonar o seu sonho: aspirava a tornar-se um

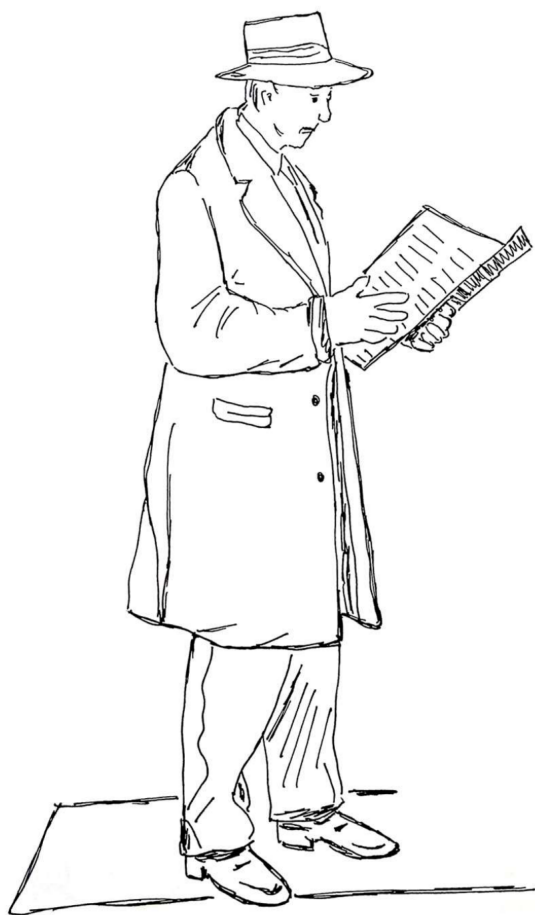
poeta reconhecido e publicado — tarefa desafiadora naquela época, sem redes sociais nem aplicações de autopublicação.

Júlio ouviu falar de um concurso em que era necessário escrever um livro em apenas uma semana, mas a história deveria ser baseada numa pessoa real, alguém que verdadeiramente tivesse existido, podendo ser em prosa ou poesia. Era a oportunidade da sua vida. Inscreveu-se e, a partir desse momento, era só ele e o seu caderninho. Trabalhou arduamente, noite e dia, para criar uma história envolvente, repleta de rimas, sobre um pastor de ovelhas que aspirava a ser poeta.

Embora tenha vencido o concurso, foi imediatamente desclassificado por ter criado uma história baseada em si mesmo, em vez de outra pessoa, como as regras exigiam. Foi então que Júlio iniciou um processo para provar a existência dessa pessoa. Pesquisou incansavelmente, procurando alguém com uma história semelhante à sua, mas infelizmente sem sucesso. Para além de não ter recebido o prémio nem ter a obra publicada, ainda teve de suportar os custos à editora.

Persistiu na escrita, aguardando por uma nova oportunidade, mas frequentemente falhando em alguns requisitos que nem o seu enorme talento conseguia suprir. Por isso, guardava todas as suas obras na gaveta. Para agravar a situação, a mãe acabara de falecer.

Júlio conseguira proporcionar uma melhor qualidade de vida aos irmãos e à mãe, mas o casamento infeliz dela deixara-a emocionalmente debilitada. Ela faleceu a 2 de Fevereiro de 1980, quando Júlio já tinha 32 anos.



### III

Júlio não tinha muita experiência em relações amorosas. Na juventude, tivera apenas uma paixão platónica por uma rapariga de classe média alta da pequena aldeia.

Luísa era loira, de olhos azuis, sempre elegantemente vestida. Conversaram apenas duas ou três vezes, mas foi suficiente para que aquele contador de histórias imaginasse algo mais.

Por vezes, quando a solidão apertava, ainda se interrogava sobre o destino dela. Teria casado? Tido filhos? E se investigasse?

Certo dia, enquanto corrigia provas, reparou que o nome de uma aluna era exactamente igual ao da rapariga por quem um dia se apaixonara. Seria filha dela? Naquela noite, não conseguiu dormir.

No dia seguinte, lavou o rosto com água fria, passou a mão no cabelo, tomou rapidamente um café forte e saiu. Ao chegar à sala de aula, reparou que a rapariga, de alguma forma, já o aguardava, como se estivesse pronta para responder a algumas questões inquietantes. Júlio iniciou a conversa:

— Bom dia, tudo bem? Estou aqui a anotar os nomes dos encarregados de educação. Poderias, por favor, dizer-me o nome da tua mãe e do teu pai?

A jovem respondeu com certa frieza:

— Os meus pais já faleceram.

Júlio engoliu em seco:

— Já morreram?!

Ela esclareceu:

— Os meus pais morreram num acidente quando eu ainda era bebé, e a minha tia passou a cuidar de mim.

Júlio insistiu:

— A tua tia tem o mesmo nome que tu?

— Sim, tem.

Foi então que Júlio reuniu coragem:

— Por favor, diz à tua tia para vir aqui amanhã às oito para conversarmos. Pode ser?

A aluna demonstrou preocupação:

— Fiz alguma coisa errada? Tive uma nota baixa ou algo do género?

Ele tentou tranquilizá-la:

— Não, não é nada disso! Por favor, fala apenas que preciso muito de falar com ela!

Júlio mal conseguiu dormir naquela noite, perturbado pelo ocorrido. Como estaria ela? Continuava bonita? Pensava nele? Estaria envolvida com alguém?

No dia seguinte, conforme combinado, ela apareceu. Havia mudado; usava agora roupa despojada, com cores vibrantes, e o cabelo loiro estava mais volumoso. Era bonita e chamava a atenção. Os anos tinham passado, mas Júlio não tinha dúvidas: era ela.

— Olá, tudo bem? Lembras-te de mim?

Luísa olhou nos olhos dele e respondeu:



— Como me poderia esquecer?!

Curioso, Júlio perguntou:

— Então, estás casada?

Ela respondeu:

— Não, e tu?

Ele não conseguiu esconder o nervosismo:

— Também não.



## IV

Despediram-se e no dia seguinte Júlio reparou na ausência da aluna na sala de aula, pelo que telefonou.

— Está lá? O que aconteceu? Estás a faltar às aulas! A tua tia está aí?

A jovem falou, soluçando:

— A minha tia sofreu um acidente e acaba de falecer!

Júlio ficou preocupado:

— Não percebi! O que aconteceu? Estás sozinha?

A garota desabou:

— Agora sou só eu e o mundo!

Júlio falou com determinação:

— Vou já aí!

A jovem estava sozinha num amplo apartamento em Lisboa. Chorava compulsivamente, com as mãos a segurar o rosto. Júlio tentou perceber o que estava a acontecer e insistiu:

— Por favor, conta-me o que aconteceu! Onde está a tua tia?

Ela respondeu com dificuldade:

— Recebi um telefonema do hospital há pouco, a dizer que ela faleceu. Estou aqui sem saber o que fazer! Não tenho mais ninguém!

Júlio tentou acalmar a jovem:

— Vamos lá!

Saíram do apartamento de fachada clássica bem preservada e enfrentaram a rua repleta de espaços animados e distintos. Chegados ao imponente hospital de inspiração jesuíta, a recepcionista perguntou:

— Boa tarde, em que posso ajudá-los?

Júlio respondeu:

— Boa tarde, recebemos um telefonema a informar-nos de um falecimento.

— Qual é o nome, por favor?

— Luísa Teixeira de Freitas.

A recepcionista disse:

— Deve ter havido algum engano! Tem a certeza de que o telefonema foi deste hospital?

A jovem desabafou:

— Já não sei o que pensar!

Júlio insistiu:

— Isto é muito sério! Precisamos de esclarecer os factos!

A recepcionista respondeu com convicção:

— As informações que tenho indicam que essa pessoa acabou de ter alta médica!

A jovem perguntou ansiosamente:

— O que está a acontecer? Onde está a minha tia?!

A recepcionista esclareceu:

— Sigam por aqui. Talvez ainda consigam alcançá-la!

Os dois saíram apressados pelo longo corredor, mas, infelizmente, não encontraram rasto de Luísa.

Júlio sugeriu:

— Acho que é melhor esperarmos no apartamento. Ela terá de voltar a casa, não é verdade?

A aluna respondeu:

— A minha tia sempre levou uma vida recta. Não compreendo o que está a acontecer!

Esperaram dois dias, mas nada aconteceu. Júlio accionou todos os meios legais, mas Luísa continuava desaparecida. O que poderia ter?

Um mês depois, ela apareceu em casa como se nada tivesse acontecido. A sobrinha perguntou, aflita:

— Tia, o que se passou? Procurámos por toda a parte!

Júlio falou nervosamente:

— O hospital ligou-nos a dizer que tinhas morrido!

Luísa respondeu:

— Posso explicar. Na verdade, sofri um acidente de automóvel e fui parar ao hospital. Depois, percebi que tu cuidarias muito bem da minha sobrinha, e então decidi deliberadamente afastar-me.

A jovem interrompeu:

— Fugiste de mim ou dele?

Luísa confessou:

— Fiquei muito confusa com tudo isto. Peço desculpa!

Júlio falou, ainda um pouco zangado:

— Pedir desculpa é uma coisa, compreender é outra!

Luísa desabafou:

— Na verdade, pensei nisso e concluí que muitas vezes nos afastamos de alguém por medo de nos envolvermos mais profundamente numa relação.

A jovem interrompeu:

— Mas tia, o medo é para os fracos!

Luísa continuou:

— Eu sei, minha querida, mas, pelo menos, tive a coragem de aparecer e de admitir! Sempre amei o Júlio e tive medo que algo corresse mal!

Júlio falou, mais animado:

— Então tiveste medo de que eu não te amasse, é isso?

Luísa admitiu:

— Sim, é isso!

Júlio confessou:

— Pensei em ti todos estes anos! Nunca amei outra mulher na vida!

A jovem interrompeu:

— Ah, percebi! Agora sei que estou a mais!

Luísa mostrou-se sincera:

— Nunca estiveste a mais! Farás sempre parte da nossa família!

Os dois eternos apaixonados selariam o momento com um beijo repleto de emoção. Depois disso, Luísa confessou:

— Estava a pensar em mudar de vida e sair da cidade! O que

vocês acham?

A sobrinha respondeu:

— Bem, eu vou para a faculdade e fico por aqui! Acho que vocês dois precisam de ficar a sós!

Júlio disse:

— Eu quero voltar para a nossa terra.



# V

Uma semana depois, após um casamento célere no registo civil, embarcaram numa viagem de aproximadamente duas horas, percorrendo uma paisagem urbana. Luísa herdara o casarão dos pais, onde a família costumava morar. Foi lá que decidiram estabelecer-se.

Júlio confessou:

— Tinha uma visão diferente disto por aqui.

Luísa respondeu:

— Não percebi, o que queres dizer?

Júlio esclareceu:

— Antes, imaginava que vivias num palácio, mas agora, olhando assim, tudo parece mais comum. De qualquer forma, é sem dúvida um belo casarão!

A imponente residência, com forro em madeira e soalho encerado, apresentava ainda um amplo jardim neoclássico, com padrões geométricos e esculturas de formas naturalistas, retratando a anatomia real do corpo humano e enfatizando o nu e a mitologia greco-romana. A decoração da casa era simples, com vários retratos antigos da família emoldurados pelas paredes. Os móveis clássicos de madeira acrescentavam um toque especial ao ambiente. Além disso, os lustres rústicos e as cortinas bordadas à mão mantinham o estilo clássico da residência.

Júlio deteve-se ao lado de uma escrivaninha manuelina em jacarandá. O móvel, com tampo decorado com desenhos geométricos, possuía oito gavetas, sendo uma delas dupla, e era utilizado para guardar arquivos da família.

— Posso deixar os meus manuscritos aqui?

Luísa respondeu prontamente:

— Claro! Somos casados, lembra-te?!

Júlio observou:

— Esta escrivaninha tem três medalhões recortados e esculpidos com conchas. Vejo que o móvel foi fabricado no Brasil, mais concretamente no Estado da Baía. Sabes como ele veio aqui parar?

Luísa esclareceu:

— Tinha uma tia que foi viver no Brasil e lá se casou. Veio visitar-nos uma vez e trouxe esta relíquia no navio. Depois disso, voltou ao Brasil e nunca mais ninguém soube dela. Até acho que o meu pai morreu de desgosto por nunca mais ter visto a irmã favorita. A minha tia era uma mulher bem-vestida e bonita, que gostava muito de oferecer presentes caros. Uma perda!

Júlio murmurou:

— Imagino!

Luísa perguntou, curiosa:

— E o que aconteceu com a sua família?

Júlio confessou:

— O meu pai morreu cedo, como sabes. A minha mãe faleceu depois, creio que devido ao trauma do casamento infeliz que teve. Dos meus sete irmãos, só restei eu.



Luísa insistiu:

— O que aconteceu?

Júlio continuou:

— Os seis rapazes morreram na infância. Como sabes, a nossa situação financeira não era fácil. Quanto à minha única irmã, conseguiu formar-se como professora e foi para o Brasil, e também nunca mais voltou.

Luísa ficou subitamente triste e desabafou:

— Caramba, já vejo que, de certa forma, temos muito em comum! E que caderno é esse que tens na mão?

Júlio confessou:

— São poemas. Desde cedo tenho o sonho de ver as minhas obras publicadas, mas até agora nunca resultou.

Luísa perguntou, curiosa:

— Posso ler?

— Sim, claro!

Na primeira página, já um pouco amarelecida pelo passar do tempo, ela começou a ler.



### *Poemas para Luísa*

Tu és uma flor amada,

Cheia de graça e leveza

Tu és a flor Imaculada,  
Minha gentil burguesa

Tu não tens maldade,  
Eu tenho a certeza  
És uma beldade  
Cheia de pureza.

Os teus lábios carmesins,  
Quero um dia beijar  
Desculpa os frenesins  
Não te quero enojar.

Sei que és mulher de bem,  
Uma flor delicada,  
Isso eu sei também  
Quero estar contigo até ao fim da estrada.

A estrada é a vida.  
A tua e a minha,  
Essa é a despedida.  
Lá na Igrejinha.

Casaremos, sim,  
Juntos novamente.  
Ficaremos assim  
Eternamente.

No final da leitura, Luísa estava com a voz embargada pela emoção.

— Que lindo! Estou tão emocionada! Não fazia ideia! Sinto-me péssima!

Júlio pegou na mão de Luísa e falou:

— Nada disso! És a minha flor imaculada. Sei o quanto és bondosa e especial para mim!

Abraçaram-se calorosamente. Ela confessou:

— Não consigo compreender por que não me contaste antes!

Júlio prosseguiu:

— Por agora, vou guardar os manuscritos aqui na gaveta. Quem sabe um dia surge uma boa oportunidade de publicação!

Ela incentivou:

— Nunca desistas!

Júlio continuou:

— O desafio está em perseverar, mas há uma grande diferença entre não desistir e alcançar o reconhecimento como escritor.

Ela concordou prontamente:

— Sem dúvida!



## VI

Os dias seguiram tranquilos, com as visitas regulares da sobrinha aos fins de semana, até que em 2020, aos 72 anos, Júlio de Freitas foi encontrado sem vida.

Estava na poltrona da sala, onde costumava escrever, com o manuscrito finalizado de *As Aventuras de um Poeta Morto*. A poltrona de estilo manuelino, em madeira ricamente entalhada, com assento estofado e pés em forma de pata de leão, contrastava com a quietude de Júlio. Foi Luísa quem reparou primeiro. O amor de uma vida estava ali, silencioso, incapaz de oferecer um conselho ou um abraço. Luísa, devastada, telefonou à sobrinha. Duas horas depois, ela chegou.

As duas abraçaram-se e choraram juntas. A autópsia concluiu que a causa da morte foi um enfarte. O funeral aconteceu num dia frio, cinzento e chuvoso, reflectindo a tristeza geral.

Naquele mesmo dia, Luísa mostrou os manuscritos de Júlio à sobrinha e tomou uma decisão firme:

— É a minha missão publicar as obras do Júlio e torná-lo um poeta reconhecido!

A sobrinha, já adulta, tomou o manuscrito e começou a lê-lo em voz alta.



## *Poema Familiar*

Que feliz destino o meu,  
Ter uma família assim,  
Que até o São Bartolomeu  
Não tem pena de mim.

Deus deu-me com certeza  
Muita felicidade, muita sorte,  
Para ter franqueza  
E família com norte.

É tão feliz quem tem família  
Que te ama, que te apoia.  
É um sentimento que valia  
Até na guerra de Tróia.

Que feliz destino o meu,  
Ter casa, ter um lar,  
Que até Prometeu  
Deu esperança para amar.

A sobrinha concluiu:

— Que maravilhoso! Estou cheia de ideias. Vou enviar os originais para várias editoras e depois planeamos uma viagem para o Brasil. Estou a pensar em fazer também a divulgação por lá.

A tia Luísa perguntou:

— E como pretendes fazer essa divulgação?

A sobrinha respondeu:

— Primeiro, vou responder aos envios de originais de algumas editoras. Se conseguirmos um contrato com uma editora que faça uma boa divulgação do autor e da sua obra, pretendo também usar as redes sociais, especialmente o YouTube. Além disso, como já tenho uma viagem marcada para o Brasil no final do ano, tenciono fazer uma divulgação por lá. Seria óptimo ter a tia comigo!

A tia Luísa exclamou:

— Que excelente ideia! Farei tudo o que estiver ao meu alcance para elevar ainda mais o nome do Júlio!

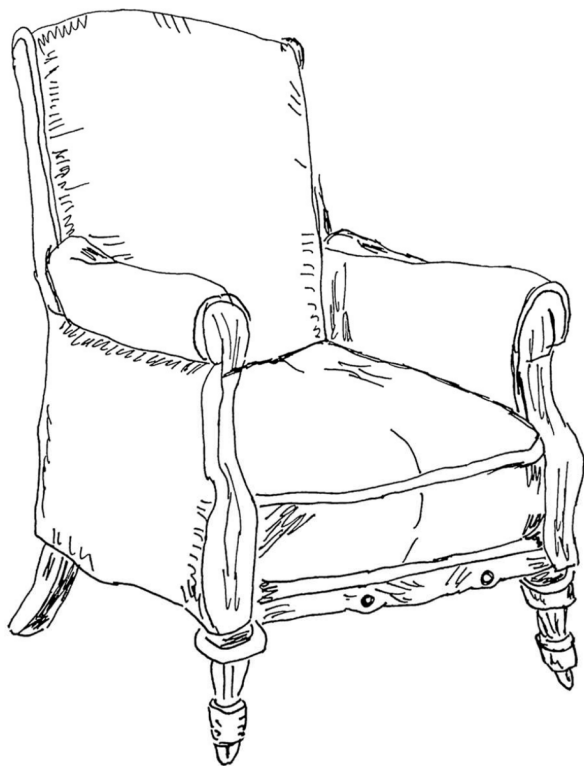
Passaram-se seis meses e, finalmente, a sobrinha recebeu a notícia esperada. Júlio de Freitas seria publicado por uma grande editora, com presença em vários países, incluindo Portugal e o Brasil.

Tia e sobrinha viajaram até Salvador, Baía, e de lá seguiram para a Praia do Forte para recarregar energias e participar numa feira internacional do livro para promover a obra *As Aventuras de um Poeta Morto*. O lançamento foi um sucesso e rapidamente se tornou um bestseller.

As duas mulheres encantaram-se com a boa energia da praia baiana, entregando-se às suas águas quentes e acolhedoras. Em

seguida, partiram para a ilha paradisíaca de Boipeba, onde decidiram permanecer por tempo indeterminado.

A tranquilidade e a beleza do lugar contribuíram para restaurar os laços de amizade e respeito entre elas, para além de proporcionarem a paz de espírito necessária para prosseguir com a tarefa de divulgar a obra do poeta Júlio de Freitas.





# Quadras Soltas



## Quadras Soltas

*De Júlio de Freitas*

Eu não tenho riqueza,

Nem tão pouco poder.

Mas sinto tristeza

Com lições de engrandecer.

Sou um pobre coitado,

Nessa falsa sociedade.

Sinto demasiado

A injustiça da maldade.

Sei que pareço mosca-morta,

Sem grande sabedoria,

Mas nada disso importa

Nessa ampla cegaria.

Sou ladrão, pobretão,  
Filho de pai bastardo.  
Mesmo com dedicação  
Sou um pobre alardo.



Sou um monge sofredor,  
Um maldito ateu.  
Acredito no amor  
Mas não vou para o céu.

Autocrata ou democrata,  
Eis a questão, então,  
Sou meritocrata,  
Defensor da exatidão.

Por vezes fico a pensar,  
Serei burro ou inteligente?  
Mas como sou brando,  
Importante é ser prudente.

Sou um ser apaixonado

Mas isso não importa,  
De que lado está o Estado  
Ou se a vida anda torta.



Visto mal esfarrapado  
Mas por dentro, inteligente,  
Pobre de mim o fado  
De viver imprudente.

Tenho coragem e visão  
Mas muitos autocratas  
Desafiam a razão  
De alguns democratas.

Tenho sede de justiça  
Mas não pela força.  
Certos homens da cavalaria  
Desejam a cangorça.

Nós não devemos cantar  
Vitória a um desconhecido,

Apenas podemos alcançar,  
Coação no empobrecido.



Que feliz dia o meu,  
Desde a hora em que te vi.  
Apesar de ser plebeu  
Ao amor sobrevivi.

Sofro por amor, eu sei,  
Por não te ter a meu lado.  
Devo, talvez, pensei,  
Tentar ser amado.

Às vezes, até acho  
Que o meu sonho é demais,  
Talvez um berbicacho  
Que não resolvo jamais.

Sofro por não te ver  
E não te ter a meu lado,  
Mas julgo ser meu dever

Gostar de ser amado.



Sou um sábio pensador,  
Pressentindo a derrocada.

Agora sou professor  
Temendo a jornada.

Ensino o povo de verdade,  
A evitar a cobiça,  
Gosto da simplicidade  
E da alegada justiça.

No mundo existe um lugar  
Para o pobre e o oprimido,  
Mas é necessário exortar  
Uma vida com sentido.

Da grande prisão sem grades,  
Todos fogem, com certeza  
Eu conheço as autoridades  
E toda a sua dureza.



Sou um poeta morto,  
Um sábio sofredor  
Mas até um torto  
Sofre por amor.

Dói muito o meu coração,  
Noite e dia, dia e noite  
Mas mesmo que falte a razão  
Não me queixo da sorte.

Poeta morto eu sou,  
Aguardando a sorte  
Pois até o morto ousou,  
Fugir da própria morte.

Todo o poeta sonha,  
Um dia ser alguém  
Não me parece vergonha,  
Pensar mais além.



Sabedoria é sinal  
De pensar mais adiante  
Mas também não vejo mal  
De evitar o ignorante.

Mentir com habilidade  
Até parece profundo  
Mas falando a verdade  
Pode ser infecundo.

Um sábio mentiroso  
Mente com habilidade  
Mas quando fala airoso  
Sempre soa a falsidade.

Mentir é algo maldoso,  
Sou sincero e acredito  
Porque o destino é zeloso  
Em condenar o maldito.



Escutei com atenção o discurso,

Ele falou, o povo aplaudiu

Agora, com o recurso

Até o povo ele baniu.

Demorei para entender,

Sou um pobre sonhador.

Ele que está no poder

Voa alto como o Condor

Sou poeta sonhador,

Não gostei do que ele disse

Agora, sem o clamor

Tudo parece mais triste.

Acredito na razão,

Sou um nobre analfabeto

Mas nesse quesito da questão

Sou um diplomado esperto.





O teu olhar é puro,  
A tua alma genial.  
Estou um pouco inseguro  
Mas isso não faz mal.

Não faz mal sentir,  
Não faz mal chorar,  
Agora posso ir  
Correr para te alcançar.

Correr para te alcançar,  
Sentir o teu perfume,  
Agora posso jurar,  
Não terei mais ciúme.

Não terei mais ciúme  
Nem vontade de fugir.  
Corro louco até ao cume  
Só para te poder seguir,



O meu sentimento é um fogo,  
Uma paixão sem freio.  
Não quero entrar no jogo  
De fugir com receio.

A minha paixão é um sentimento  
Entre a caça e o caçador  
Não quero estragar o momento  
Em que sinto mais amor.

Sou caçador caçado,  
Uma presa enjaulada,  
Um coração acuado  
Caindo na cilada.

Fugir do amor, eu sei,  
Não altera a situação.  
Não quero andar, direi,  
Perdido na razão.



Andei sumido meu amor

E louco para te ver.

Senti a dor na dor

E receio de te perder.

Senti dor, senti medo

Que não gostasses de mim

Sorte que o enredo

Não foi tão mau assim.

Chorei lágrimas de sangue,

Uma tristeza sem fim

Esperamos que o mundo pague

Ou que tenham pena de mim.

Sentir pena ou sentir dor,

Eis a questão,

Prefiro sentir amor

Que venha da união.



Fugi do amor,  
Fiquei preso,  
Quis prender-te, senti dor.  
Enfim, acabei no Peloponeso.

Acabei no Peloponeso, eu sei,  
Preso entre Esparta e Atenas  
Apesar de tudo, julguei,  
Poder fugir apenas.

Poder fugir apenas,  
Mas que nobre ilusão  
Até as almas pequenas,  
Anseiam por união.

Anseiam por união,  
Entre vencedores e vencidos  
Mas apenas a compaixão  
Pode unir os partidos.



Não digo tudo o que penso,  
Mas penso tudo o que digo  
    Procuro o bom-senso  
E talvez um ombro amigo.

Talvez um ombro amigo  
    faça-me sentir bem,  
Traga-me de novo abrigo  
    Ou um novo alguém.

Esperar por alguém eu espero  
    Que traga sorte e amor  
    E ainda assim venero  
Uma sorte sem rancor.

Uma sorte sem rancor,  
    Uma amizade singela,  
Um sentimento sem impor  
Porque não há tampa em panela.



Julguei que estava no céu  
No momento em que te vi  
Apenas fui um réu  
No julgamento que vivi.

No julgamento que vivi  
consideraram-me culpado  
Apenas sobrevivi  
Mesmo sendo acusado.

Ao ser acusado sofri  
Com a injustiça divina  
Olhei para ti e vi  
Uma beleza albina.

Uma beleza albina,  
Distinta como ninguém  
Até a sorte desatina  
Me fazendo refém.



De onde nasceu a ciência?  
Do simples ou do doutor?  
Nasceu da alegre imprudência,  
Do acaso do espetador.

O espetador criou  
Cientificamente provado  
Que a ciência do simples ameaçou,  
O doutor inconformado.

O doutor inconformado  
Mandou aniquilar o simples coitado  
Mas a ciência ripostou  
Mostrando o resultado.

O resultado chegou  
Em papel timbrado  
O simples coitado encontrou  
O doutor enjaulado.



Este livro que vos deixo  
A vós tristes corações  
É algo para guardar em baixo  
Das vossas orações.

São poemas sinceros, eu sei,  
Sem falsas idolatrias  
Mesmo sabendo, julguei  
Pragas nas mais-valias.

Gosto de falar a verdade,  
Não tenho receio,  
Gosto da simplicidade  
Mesmo sem saber eu leio.

É por isso que vos deixo  
Este livro de poesia,  
Inspirado no Aleixo  
E sem a malfeitoria.





Sou um poeta sonhador,  
Um feliz iludido  
Faço este livro com amor  
Despeço-me de coração partido.

Fujo da indiferença,  
Da falsidade das mensagens  
Não quero sentir a presença  
Das pedantes imagens.

Ignomínia no discurso  
Que despreza os humilhados,  
Exorta o percurso  
Dos pedantes exortados.

Sou um poeta pensador  
Que fala dos podres do mundo  
Mas ainda sinto amor  
No meu coração, lá no fundo.



Sou um humilde cidadão  
Mas entre a gente letrada  
Sei que pareço um ladrão  
Fugindo na balaustrada.

Poeta dos pobres e oprimidos,  
Creio na salvação  
Dos que se creem sabidos  
Fugindo à abnegação.

Os que tentam subir alto  
Não sabem que a queda é maior  
Já os que estão em baixo dão um salto  
Sem sofrimento, pior.

Despeço-me com amor, então  
Livre de constrangimentos,  
Com amor, sem objeção  
E leveza nos pensamentos.



Não quero ter mais desgostos

De uma sociedade mascarada,

Baseada nos opostos

Com pobreza ignorada.

Esta mascarada enorme

Com discursos de gravata

Fica sempre no informe

Da sociedade aristocrata.

Esses que falam bonito

Mandam fazer assim

Gostam de dar o grito

E não se importam de mim.

Não quero ter mais desgostos

Dessa falsa sociedade

Com discursos dispostos

A exaltar a vaidade.



Para subir depressa  
Cala o que vês,  
Finge que não te interessa  
Discurso com altivez.

Se escolheres ser sincero  
Cala o que sentes  
Não te enganes, eu espero  
Com certas gentes.

Do céu só cai chuva,  
Trovoadas gigantes  
Aceitar o sistema coadjuva  
A respeitar os ignorantes.

Sobe com cautela  
Analisando direito  
Se te pegarem na trela  
Olha com trejeito.



# As Aventuras de Um Poeta Morto

1. [As Aventuras de Um Poeta Morto](#)
2. [Sinopse](#)
3. [I](#)
4. [II](#)
5. [III](#)
6. [IV](#)
7. [V](#)
8. [VI](#)
9. [Quadras Soltas](#)
10. [As Aventuras de Um Poeta Morto](#)